

O elogio do inacabado

Alexandre Palma

Universidade Católica Portuguesa

Elogiar o inacabado parece, sob múltiplos ângulos, tarefa impossível e, portanto, votada ao fracasso. Desde logo, porque não vivemos tempos amigos do elogio. Os múltiplos desconfortos que nos atravessam – pessoais e sociais; públicos e privados; físicos e psicológicos; materiais e espirituais; profissionais e familiares; locais e globais; políticos e culturais – trarão mais acesa em nós a argúcia da crítica do que a bonomia do elogio. Para além disso, depois de Erasmo de Roterdão, qualquer esforço deste género terá de olhar nos olhos o seu *Elogio da Loucura* e discernir se se elogia como exercício retórico ao serviço da ironia ou como genuíno encantamento por algo de bom. A estas dificuldades de base somam-se outras: como elogiar e, assim, afirmar algo que se define pela negativa, o «in-acabado»? Um exigente contrassenso se insinua, pois, perante qualquer esforço de, como aqui se ensaia, elogiar o inacabado. Esta será, no fundo, uma forma paradoxal de afirmar um negativo. A coroar este contexto adverso está, precisamente, o proposto objeto deste elogio: o inacabado. Este, com efeito, inscreve-se em nós fundamentalmente como indicativo de défice, imperfeição, incompletude. No fundo, daquilo que experimentamos como limite e que, portanto, nos empenhamos em contrariar. Merecerá isto ser exaltado? Será isto, sequer, passível de tal exercício?

Problematizo, desta forma, a simples possibilidade de elogiar e de elogiar o inacabado. Acrescento ainda um apontamento acerca da pertinência do tópico. Nos três campos que esta reflexão visita – desporto, ética e transcendência – o inacabado é matéria-prima de todos os momentos. Em qualquer um deles, a experiência da incompletude não é um acidente, mas algo que as constitui desde dentro. Na prática desportiva, convive-se com a experiência de que nenhum objetivo, nenhum sucesso, como nenhum fracasso são ou podem ser «acabados». Para o bem e para o mal, eles são precários,

penúltimos e, neste sentido, sempre «inacabados». Mas mais do que desporto, há desportistas. E é nestes que, em primeiríssimo lugar, mora o inacabado no desporto, nas suas mentes como nos seus corpos: inacabados porque sempre perfeitáveis; inacabados porque sempre regressíveis; inacabados, no fundo, porque sempre em transformação. Assim também sucede na vida ética: não se alcançam estados de vida consumados e irreversíveis. A cada bifurcação da vida somos colocados diante do imperativo da decisão. Esta, por mais repetida que seja, terá sempre de ser assumida de novo, acabada novamente. Assim também acontece perante todas as formas de transcendência – a transcendência de si próprio (a autotranscendência); a transcendência do outro (alteridade); a transcendência em si (o divino). O excesso com que qualquer uma destas transcendências nos confronta remete-nos para o devir em nós e no que nos rodeia e, assim e uma vez mais, para o inacabado que somos e habitamos.

A positividade do negativo

Regresso ao contrassenso de, ao elogiar-se o inacabado, se estar a afirmar uma negação. Na tentativa de superar esta aparente aporia, deixo-me guiar por alguma da reflexão do filósofo coreano Byung-Chul Han. Nele interessa-me, sobretudo, a forma como reconhece a mencionada «positividade do negativo». Num exercício intelectual estimulante, ele vê nas doenças do presente bem mais que mera questão fisiológica. Essas doenças são também símbolos de um tempo diferente. Desta forma, se as doenças de hoje serão doenças da «positividade», ou seja, patologias provocadas por excessos do próprio eu (enfartes, cancros, depressões, etc.), as doenças de outrora (do que ele chama «época bacteriana») eram doenças da «negatividade», ou seja, patologias causadas por agentes externos (nomeadamente, bactérias ou vírus). São estas patologias e, sobretudo, como elas foram debeladas, que interessa aqui considerar. A imunologia apoiou-se e explorou, então, a «positividade do negativo». Byung-Chul Han (2010, 13) explica:

«A profilaxia imunológica, isto é, a vacinação, segue a dialéctica da negatividade. No processo de vacinação, introduzem-se apenas fragmentos do outro no próprio, a fim de provocar uma reacção imunitária. A negação da negação

realiza-se, neste caso, sem perigo de vida [...]. O próprio sujeita-se voluntariamente a alguma violência, a fim de se proteger de uma violência muito maior que o conduziria à morte.»

O negativo – a saber, o agente externo – ao ser introduzido de forma controlada no eu permite que lhe seja anulada a negatividade, o mesmo é dizer que se lhe controle a nocividade. Permite que se gere nele o positivo dos anticorpos. Há, pois, um positivo que se alcança pelo negativo, ou melhor, pelo duplo negativo da «negação da negação». Eis como, segundo a «dialéctica da negatividade» de Byung-Chul Han, há uma positividade inscrita no negativo. A boa terapêutica imunológica não passa, portanto, pela desconsideração do negativo, mas antes pela sua assunção como via necessária para lhe anular as consequências. Ao limite, neste contexto, o Homem precisa do negativo para (sobre)viver.

A extrapolação desta reflexão para um elogio do inacabado não é fácil nem imediata. Ainda assim, a tornar plausível tal associação está, decididamente, a nota da positividade do negativo. Por um lado, este diálogo permite reconhecer que um positivo se esconde (ou pode esconder) no coração de uma negação. Por outro, ele sugere que a exposição (ou inoculação) a esse negativo, longe de ser causa de morte, pode muito bem ser o contrário: o que mantém vivo. A negatividade do inacabado torna-se, deste modo, passível de elogio, porque possível encontro com uma negatividade que ativa uma positividade em cada um. Como na imunologia, a exposição ao negativo do inacabado torna-se, paradoxalmente, a forma de encontrar e estimular o positivo em nós. Eis, então, um primeiro argumento em prol de um «elogio do inacabado».

Perfeição como relação

Talvez o que nos conserve à distância de um elogio do inacabado seja o facto de o associarmos, ainda que com alguma legitimidade, ao imperfeito. Talvez o que nos impeça de elogiar o imperfeito seja uma determinada idealização da perfeição, que tem raízes fundas e antigas na nossa cultura ocidental.

Essas raízes, como tanto entre nós, fazem-nos regressar à Grécia e ao mundo antigo. Aí era cultuada, tanto como ideal da cidade (ideal político, portanto) quanto como ideal do sujeito, a virtude da *autarcia*, ou seja, a virtude do

ente individual ou social que transporta consigo tudo o que precisa para se autogovernar, para conduzir a sua vida, «libertando-se [assim] das necessidades exteriores» (Coelho 1989, 530). Esta imunidade ideal face a quaisquer vínculos com o mundo exterior ressurgiu ainda com força na visão clássica de perfeição. Perfeito, nesse nosso passado, «significa[va] o “bem feito” ou o “realizado plenamente” ou o “pleno”, [...] ou aquilo ao qual nada falta, aquilo que tem tudo aquilo que deve ter» (Di Napoli 1967, 1486). O próprio étimo latino reforça e confirma esta mesma visão do que possa ser a perfeição, como esclarece M. Costa Freitas (1992, 74):

«Derivada do latim *perfectio* (de *per* + *facere*, em que o prefixo *per* indica que a acção foi levada até ao fim), a noção de perfeição significa o acabamento completo de uma coisa, de uma acção ou de uma ideia. Portanto, perfeição vale o mesmo que acabamento, consumação ou plenitude. Perfeito é o ser cujas virtualidades, quer materiais quer espirituais, se encontram plenamente actualizadas ou realizadas.»

A perfeição, em síntese, foi sendo entendida como completude ou, como refere o próprio texto, como «acabamento». Tudo o que esteja ainda ou definitivamente sujeito a transformação estará fora dos parâmetros de uma tal perfeição; como fora estarão também todas as realidades que não sejam autosuficientes, ou seja, que estejam de alguma forma carentes algo exterior para poderem continuar a ser e a crescer. Eis mais uma razão por que, espontaneamente, realidades inacabadas são por nós vistas, com demasiada frequência, apenas e só como realidades imperfeitas. Eis um sintoma mais de que, apesar de tantos séculos volvidos, somos ainda gregos em muito do nosso pensar.

Esta história, contudo, não acaba aqui. Foi em grande medida o cristianismo e a sua «teo-logia» que abriram outras possibilidades para se pensar o que é a perfeição e, em consequência, para se poder validar o inacabado. Adentrando-se no mundo greco-latino, não só em termos geográficos, mas sobretudo em termos culturais e filosóficos, o cristianismo das origens não se pôde rever na descrita compreensão de perfeição. De facto, esta afigurava-se incompatível com a experiência crente e a pretensão teológica dessa jovem comunidade. De acordo com a sua fé, Deus, o ser perfeito por antonomásia, não se mostrara imune ao outro, mas pelo contrário mostrara-se dom a esse outro; não se mostrara autossuficiente na sua esfera divina, mas mostrara-se

comprometido com a história mundana; não se mostrara imune ao que lhe é alheio, mas, pelo contrário, encarnadamente presente na própria condição humana¹. Ao contrário do que os cânones do mundo antigo pareciam propor, a perfeição do Deus cristão estava patente na capacidade ativa de se relacionar com a história e com a humanidade, capacidade essa que era um sintoma de que Deus seria em si próprio uma teia de relações².

Tudo isto colocou em marcha um movimento teológico e filosófico que haveria de conduzir à abertura de outras formas de entender o que seja a perfeição. Havia, acima de tudo, que colocar em causa a ideia de perfeito como completude e desta como autossuficiência. Havia que desafiar a noção enraizada de que dois perfeitos (porque acabados e porque bastantes a si próprios) não poderiam conviver³. Havia, no fundo, que situar a perfeição no terreno da relação. Todavia, isto obrigava a concluir que a perfeição não está no acabamento de si, mas na capacidade de se dar e abrir ao outro.

Disruptivo foi, a este respeito, o contributo de Agostinho de Hipona, o qual, contrariando o que pelo menos desde Aristóteles se tornara um dogma filosófico, afirmou que a relação não é em Deus nem em nós um mero acidente, um mero adjetivo⁴. Assim, a relação, o ser com o outro, poderia deixar de ser vista como sintoma de um défice e passar a dizer precisamente o contrário, ou seja, a ser sinal de perfeição e expressão de capacidade para mais.

Perfeição passou, então, a poder dizer «relação» e já não «autarcia» ou «autossuficiência». Passados estes séculos, talvez nos falte ainda captar esta passagem em todo o seu alcance e profundidade, passagem esta que poderá, com propriedade, ser considerada uma autêntica revolução filosófica e, porventura, o maior contributo do cristianismo à civilização e à cultura. Mas

¹ Este é um elemento central do modo como o cristianismo interpreta a figura de Jesus: é Filho de Deus encarnado.

² Precisamente aquilo que o cristianismo professa quando fala em Trindade: uma unidade divina que é feita da relação total de três pessoas distintas – Pai, Filho e Espírito Santo.

³ Questão importante para a reflexão cristã do período patrístico, em campo trinitário e cristológico. Terá sido, sobretudo, na doutrina apolinarista que este princípio foi aplicado ao terreno teológico-cristão e aí levado às suas últimas consequências. Esta doutrina, no fundo, sustentava que na pessoa de Jesus de Nazaré a divindade seria perfeita e que, portanto, teria de ser imperfeita a sua humanidade. Esta perspectiva cristológica assentava, precisamente, nesse pressuposto de que duas realidades perfeitas não poderiam coincidir na mesma realidade. O apolinarismo viria a ser recusado pelo cristianismo ao longo dos séculos IV e V.

⁴ Cf. *De Trinitate*, V, 5, 6; VII, 6, 11.

ela é preciosa para este exercício, pois este resgate da relação abriu novas possibilidades para um «elogio do inacabado». Com efeito, a relação decorre de uma certa forma de incompletude ou inacabamento. Isto podendo, neste novo contexto, ser visto já não como o peso de uma insuficiência, mas como alavanca para uma potência; já não como défice de ser, mas como abertura do ser para ser mais.

Ocorre-me pensar na química e nas interações atómicas como grande metáfora do que aqui tento propor. É, precisamente, o inacabado de certos átomos a promover a sua interação com outros átomos. Em tal situação, é o inacabado (seja por défice de eletrões, seja pelo seu excesso) a promover ligações covalentes, ou seja, relações de partilha de eletrões, associação que tende a conduzir a estruturas atómicas mais estáveis e à geração de novas combinações moleculares. A estabilidade acabada da «autarcia» atómica nunca alcançaria a variedade química que o inacabado atómico tende a gerar. Eis uma razão mais que suficiente para se «elogiar o inacabado».

Em síntese, sob o paradigma da relação, o inacabado torna-se realidade digna de apreço. Mas para que tal seja possível e faça sentido, impõe-se uma certa conversão cultural e intelectual, que reconheça que o ideal para o qual tender é bem menos o da perfeição da autossuficiência do que o da perfeição da relação.

Vida como evolução

Outra grande mudança de paradigma cultural abre, enfim, uma terceira possibilidade para se elogiar o inacabado. Refiro-me a Charles Darwin e ao paradigma evolutivo que, paulatinamente e com base no seu contributo decisivo, se veio a afirmar. As suas hipóteses versavam, propriamente, sobre questões de história natural. Mas a forma como reinterpretara essa mesma história facilmente se estendeu a outros campos da inteligência e cultura humanas. Deste modo, disseminou-se a consciência de que mais ou menos tudo, e não apenas o mundo da biologia, é sujeito de evolução. Claro está que esta outra forma de olhar a natureza colocou em causa o pressuposto, mais ou menos dominante, de que tudo começou a existir em estado de perfeição. As transformações sucessivas resultariam de corrupções de variada ordem (biológica, física, moral, etc.). A história natural e, com ela, tudo o mais partiria, então, de

um estado de acabamento e perfeição. É precisamente isto que o paradigma evolutivo colocou consistentemente em causa. Também esta alteração cultural permite visitar o tema do inacabado de uma outra forma.

Com efeito, num paradigma como o evolutivo, a perfeição não está dada ao princípio, mas, pelo contrário, ela vai sendo encontrada dinamicamente ao longo de um processo de sucessivas e demoradas transformações. A perfeição deixa, portanto, de estar alocada ao acabamento, para passar a estar bem mais dependente do «inacabamento». Na verdade, é o estado de uma certa inadaptação dos seres a determinados contextos a motivar o processo do seu evoluir. Porque «inacabados» para todas as contingências dos meios onde vivem, os seres trazem em si a potência para se desenvolverem, para se adaptarem, para apurarem aptidões já possuídas ou para adquirirem novas capacidades. Mas, para além disso, também esses contextos são dinâmicos, requerendo sempre adaptabilidade e novas qualidades nos seres que os habitam. Ou seja, mesmo os seres mais adaptados a um determinado contexto estão sempre expostos às novas condições que nesse mesmo contexto se poderão vir a verificar, uma vez que também este está em constante devir e evoluir. Deste modo, também por esta via todos os seres estão sempre expostos ao seu próprio «inacabamento».

Eis, enfim, um terceiro argumento possível em prol de um «elogio do inacabado». No fundo, o universo é sempre um inacabado, como inacabados são sempre todos aqueles que o habitam. Isto, longe de ser uma fatalidade destrutora da vida, é, pelo contrário, a razão da força da vida neste universo. É este seu constante inacabamento que torna a vida dos seres dinâmica, adaptável, inventiva, resiliente.

Bem inscrito no património e na memória visual portuguesa encontra-se um eloquente «elogio do inacabado». Mora no Mosteiro da Batalha e é popularmente conhecido por «Capelas imperfeitas». Imperfeição é, também aí, sinónimo de incompletude e inacabamento. Porque nunca concluídas, assim as interpreta o visitante. Todavia, é precisamente esse seu estado inacabado a exercer sobre ele um fascínio todo singular. Situadas no eixo da Igreja e para lá da sua cabeceira, as «Capelas imperfeitas» espantam e, na sua incompletude, elevam o gótico acabado da Batalha a um outro patamar. O acabado da nave da Igreja, deslumbra, nomeadamente, pela escala dos seus tetos, de uma verticalidade que tanto nos eleva até à transcendência quanto nos devolve à nossa real dimensão. O inacabado das Capelas, contudo, oferece o

que só a sua incompletude poderia oferecer: o mais elevado e transcendente de todos os tetos. Eis, a concluir, o mais impressionante «elogio do inacabado». Precisamente porque inacabadas, essas capelas têm por teto o próprio céu. Só porque inacabadas, *the sky is the limit*. Digo-o dessas capelas. Digo-o da própria humanidade.

Bibliografia

- Coelho, A. 1989. «Autarquia». In *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia: Volume 1*. Lisboa/São Paulo: Verbo.
- Di Napoli, G. 1967. «Perfezione». In *Enciclopedia Filosofica: Volume IV*. Firenze: Sansoni Editrice.
- Freitas, M. Costa. 1992. «Perfeição». In *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia: Volume IV*. Lisboa/São Paulo: Verbo.
- Han, Byung-Chul. 2010. *A Sociedade do Cansaço*. Lisboa: Relógio D'Água.